

Fusão. Juntas, as empresas dos grupos Fischer e Votorantim deixam para trás a Cutrale, passam a deter 25% do mercado mundial de suco de laranja e a processar cerca de 40% de toda a laranja produzida no Brasil; produtores reclamam da concentração no mercado

Citrosuco e Citrovida se unem e criam líder mundial em suco de laranja

JOSE ANGELO SANTILLI/AE-9/6/2006

Paula Pacheco

A Citrosuco, do Grupo Fischer, e Citrovida, do Grupo Votorantim, vão ocupar a liderança mundial na produção de suco de laranja. As duas companhias anunciaram ontem a criação de uma nova empresa formada pelos ativos das duas, com sete fábricas, oito terminais e cinco navios, além de pomares, no Brasil e no exterior.

Cada uma das empresas terá 50% de participação na nova gigante. Juntas, elas chegam ao mercado com um faturamento de R\$ 2 bilhões.

Com a união dos ativos, elas passam a ter 25% do mercado mundial de suco de laranja e entre 40% e 45% de toda a laranja processada no País, deixando para trás a Cutrale, que até agora detinha a liderança, com cerca de 35% do total de frutas adquiridas pela indústria nacional.

O mercado estima que, antes da fusão, a Citrosuco detinha

● **Nova gigante**

25%

será a participação da nova empresa no mercado mundial de suco de laranja

40%

a 45% da laranja processada no Brasil passará pelas mãos da nova empresa

por volta de 35% do mercado e a Citrovida, na casa dos 20%. A multinacional Louis Dreyfus tem cerca de 15%.

De acordo com o acordo entre os controladores, a gestão será equânime. Tales Lemos Cubero, presidente da Citrosuco, ficará no comando do novo negócio. Já Mário Bavaresco Júnior, que preside a Citrovida, ocupará o cargo de diretor-geral. As demais diretorias serão divididas igualmente entre os dois sócios.

Negociações. Há pelo menos dois anos se comentava no mercado sobre a possibilidade de fusão entre as duas companhias. Mas, nos últimos meses, os rumores aumentaram. Há uma semana, durante o Citrus Dinner, o mais tradicional encontro da citricultura, em Limeira (SP), só se falava da possível fusão, conta um líder sindical do setor. Nesta semana, quem tentou falar com Bavaresco e Cubero teve dificuldades. Ambos estavam em intermináveis reuniões acertando os últimos detalhes da fusão.

Segundo Cubero, as negociações começaram em 2009 e o contrato foi assinado ontem no escritório da Fischer no Rio de Janeiro. A Fischer/Citrosuco foi assessorada pelo banco Rothschild e a Votorantim/Citrovida teve assessoria da McKinsey para estruturar a operação.

Os executivos disseram que, por acordo contratual, não podem dar detalhes de como será o encontro de contas entre os ativos das empresas. Mas é fato que



Força. Com o negócio, Citrosuco e Citrovida vão unir pomares, fábricas, terminais e navios numa única operação

a Citrosuco é maior que a ex-riual e está com uma situação de caixa melhor. No ano passado, a Citrovida anunciou um prejuízo na casa dos R\$ 500 milhões.

A exemplo do que vem acontecendo em outros setores do agro-

negócio, como o de carnes, a citricultura brasileira apostou na união para ganhar força. “Temos massa crítica para enfrentar a consolidação no exterior. Nos Estados Unidos e na Europa, tanto as redes varejistas quanto as

engarrafadoras de suco são muito concentradas. Juntas, podemos negociar melhor e enfrentar a competição de outras bebidas”, explica Cubero.

Não é de hoje que o suco de laranja vem perdendo espaço pa-

ra outras bebidas no mundo. No primeiro quadrimestre, o consumo de suco de laranja 5,4% nos EUA em relação ao ano passado.

Resistência. Antes de tirar a fusão do papel, Citrosuco e Citrovida terão de aprovar o negócio no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) – as empresas têm 15 dias úteis para formalizar a união. Até lá, não se fala nem sobre o novo nome da companhia. Além dos aspectos concorrenciais, elas terão pela frente a resistência dos produtores de laranja, que há tempos se queixam da concentração da indústria do suco.

Paulo Sader, produtor paulista, diz que a fusão será ruim: “Com o mercado mundial de suco em queda, as duas empresas poderão ser quase autossuficientes na produção de frutas, e vão comprar laranjas de produtores apenas para complementar.”

Presidente da Associação Brasileira de Citricultores (Associtrus), Flávio Viegas também é contra a fusão. “Há uma cartelização já denunciada (ao Cade). A fusão só vai piorar a situação do produtor”, afirma.

* **Análise:** Marcos Fava Neves

O mundo dos gigantes

Por coincidências da vida, eu fiz o artigo que comentava, neste mesmo **Estadão**, a saída da Cargill do sistema agroindustrial da laranja, em 2004. Já se vão, lamentavelmente, sete anos. Naquele momento, passávamos a quatro empresas processadoras de suco de laranja. Ficaram Citrosuco, Cutrale, Citrovida e Coimbra (Dreyfus). Aqui em Fortaleza, onde vim para uma palestra, me ligam pedindo para comentar a notícia, que, para quem acompanha o mercado, já não era nova, da associação entre a Citrosuco e a Citrovida – agora, publicamente anunciada. A análise é, rigorosamente, a mesma. O leitor pode achar o artigo de 2004 no portal do **Estadão** e somente mudar os nomes das empresas e atualizá-lo.

Este movimento está alinhado com os outros

movimentos diários de concentração para competir num mundo de gigantes, tal como o JBS, que hoje abate 25% dos bois do mundo, e a BRF (Sadia e Perdigão). O setor industrial de suco de laranja no Brasil é extremamente concentrado, ficando agora praticamente com três empresas.

Isto, de um lado, representa vantagens do ponto de vista operacional, pois otimiza estrutura das duas empresas, reduz seus custos e permite às mesmas ficarem mais competitivas para enfrentar as mudanças que este mercado, já maduro, vem enfrentando no mundo. O suco de laranja é um produto que vem sofrendo concorrência cada vez maior de outras bebidas, como as águas flavorizadas, sucos de outras frutas, bebidas a base de frutas, energéticos, água de coco, chás e diversas outras.

Fora isto, aumenta a concentração dos engarrafadores de sucos, com destaque para a Coca-Cola e a Pepsi. Estas, por sua vez, vendem o suco para um varejo cada vez mais concentrado, cada vez mais dependente das marcas próprias. Enfim, pressão para todos os lados e um cenário cheio de nuvens para este setor, onde o nosso País apresenta uma liderança absoluta, com qua-

se 90% do mercado mundial.

Os pontos que nos trazem preocupação são a perda de empregos dentro das duas empresas, que passarão a ter gestão única nos ativos compartilhados. Outra preocupação é nas operações de compra de frutas, pois a associação pode levar à redução na competição. E para contrabalançar isso, vem a recomendação que já dei neste mesmo jornal, há um mês: temos de trabalhar para contratos estáveis, baseados em sólidos sólúveis, em preços internacionais transparentes e confiáveis, para que tanto produtores como indústrias tenham previsibilidade, confiança e possam otimizar investimentos, compartilhar ações, reduzir desperdícios e olhar cada vez mais o prisma da tentativa de desenvolvimento de novos mercados, e não perderem tempo com uma agenda interna de conflitos.

Além disso, a citricultura tem enorme tarefa de desenvolvimento do mercado interno, tanto de frutas como de sucos frescos, um canal alternativo para a indústria.

* É PROFESSOR TITULAR DA FEA/USP (RIBEIRÃO PRETO)